

O SILÊNCIO NA CANÇÃO BUARQUEANA: UMA VISÃO DISCURSIVA

Vanessa Vendrame Dias Fukayama¹, Fabiana do Prado², Teresinha de Fátima Nogueira³

¹⁻³Universidade do Vale do Paraíba – Univap – Faculdade de Educação e Artes – FEA
Rua Dr. Tertuliano Delphim Jr, 181 – Jardim Aquárium, 12246-080, São José dos Campos – SP
nevendrame@yahoo.com.br, fabiana.prd@hotmail.com, terenog@univap.br

Resumo- Este trabalho apresenta a canção buarqueana como objeto de análise para a Análise do Discurso, pois é carregada de significação e silêncio - que para a AD também é passível de análise. Por meio de uma canção observa-se que é possível fazer novas leituras sobre o que se é dito (ou não) e assim poder usar como base de estudo essas teorias para fins diversos, como por exemplo, em uma atividade de interpretação em uma sala de aula ou para direcionar outras pesquisas em campos diferentes. Assim sendo, esta pesquisa terá como objeto de análise a letra da música “Mulheres de Atenas” de Chico Buarque de Hollanda e Augusto Boal.(1976)

Palavras-chave: Análise do Discurso, Silêncio, letra de música

Área do Conhecimento: Letras, Lingüística e Artes

Introdução

Este trabalho é parte de uma pesquisa em andamento que visa analisar o silêncio e seus possíveis efeitos de sentido na canção buarqueana “Mulheres de Atenas”. Será usado o referencial teórico da Análise do Discurso Francesa (doravante AD).

A AD não toma como objeto de análise a língua, a frase ou a fala, mas o discurso, que são os efeitos de sentido entre locutores. A palavra discurso, neste referencial teórico, tem a idéia de curso, de percurso, correr por, de movimento (Orlandi, 2007). E também necessita de elementos lingüísticos para ter existência material. Implica uma exterioridade á língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente lingüística. A AD se constitui no espaço de questões criadas pela relação entre 3 domínios: Lingüística, Marxismo e Psicanálise. Ela interroga a Lingüística pela historicidade que deixa de lado e se demarca da Psicanálise que trabalha com a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele.

Tendo conhecimento desses conceitos, a AD nos ajudará a refletir sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua.

Para a realização da pesquisa abordamos os conceitos de exterioridade constitutiva, que são os aspectos sociais, históricos e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas e as condições de produção do momento histórico em que o objeto da análise (a canção buarqueana “Mulheres de Atenas”) foi produzida na década de 70.

O Silêncio, pela visão da AD, também servirá de base para a análise da obra em questão, visto que com o embasamento dos conceitos citados é possível pensar em seus enunciados com outras perspectivas e fazer outras leituras.

Assim sendo a pesquisa tem como objetivo mostrar que a música pode ser um instrumento de significação e resignificação de fatores históricos, sociais e ideológicos de determinadas épocas, fazendo com que alunos, leitores percebam os possíveis sentidos que podem ser atribuídos a um discurso que já foi dito e da maneira como foi dito ou silenciado.

Metodologia

Para a realização desta pesquisa tendo como objeto de análise a letra da canção “Mulheres de Atenas” de Chico Buarque de Hollanda e Augusto Boal, composta em 1976, utilizamos tipologia de silêncio descrita por Villarta-Neder (2002), em suas categorias de *silêncio por ausência* e *silêncio por excesso*.

As condições de produção serão levadas em consideração visto que, a Análise de Discurso tem a linguagem como algo que se inscreve na história.

Serão utilizados como fonte de pesquisa os livros “Análise de Discurso”, Orlandi (2007); “Análise do Discurso: Reflexões Introdutórias”, Fernandes; a tese “Os movimentos do silêncio: espelhos de Jorge Luis Borges”, Villarta Neder;

DVD documentário “À flor da pele”, Chico Buarque de Hollanda.

Resultados e Discussão

“Mulheres de Atenas” faz referência a aspectos da sociedade ateniense do período clássico e a alguns episódios e personagens da mitologia grega. A letra faz uma alusão aos famosos poemas épicos *Iliada* e *Odisséia* ambos atribuídos a Homero, Penélope, mulher de Ulisses herói do poema *Odisséia*, viu seu marido ficar longe de casa por vinte anos, período em que ela se porta com dignidade e absoluta fidelidade; Assim, como uma referência histórica de um momento da humanidade que data de 5 séculos antes de Cristo, os autores de “Mulheres de Atenas” valem-se da ideologia de *Odisséia* para chamar a atenção das mulheres que ainda “vivem” e “secam” por seus maridos ao estilo ateniense.

Os autores também realizam um apurado trabalho com a linguagem, no que se refere tanto à construção das frases quanto à seleção e ao emprego das palavras. Para obtermos uma melhor compreensão desta obra, necessariamente teremos de percorrer os caminhos da história, da mitologia, e reconhecer o diálogo aberto com outros textos (interdiscurso), contido em “Mulheres de Atenas”.

Entretanto, não é nosso ofício nos deter extensivamente com a história que envolvia a sociedade ateniense na época de *Odisséia*. Por essa razão, e colaborando com o trabalho de estabelecer essas pontes, antes do desenvolvimento de nossa análise, apresentamos um citação de Villata-Neder 2002:

“Discutir aspectos relativos ao silêncio implica sempre em considerar o processo de produção de sentidos de uma perspectiva em que há movimento contínuo e que as condições de produção do discurso precisam ser levada em conta, de uma maneira ainda mais dinâmica.”

Considerando que a produção de sentido é um movimento, situa-se que o sentido não esteja no texto em si, mas no que foi silenciado por questões do social, ou seja, se na posição em que o sujeito, autor, se encontrava poderia dizer o que pretendia ou se teria que silenciar, implicar o que realmente queria dizer. Para Fernandes “o silêncio não significa sem palavras, e nem a palavra sem o silêncio.”

Para discutirmos alguns aspectos relativos ao silêncio é preciso considerar o processo de produção de sentidos e o momento histórico da sua efetivação. Baseado no depoimento do autor Chico Buarque de Hollanda, no DVD documentário - *À Flor da Pele*, (2005). “Mulheres de Atenas” foi escrita para uma peça feminista de Augusto Boal na década de 70, e segundo Hollanda a música foi condenada por alguns feministas radicais por que

dizia: “Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas/ vivem pros seus maridos/ orgulho e raça de Atenas/ quando amadas se perfumam/ se banham com leite se arrumam/ suas melenas/quando fustigadas não choram/ se ajoelham pedem, imploram/ mais duras penas/ Cadenas.”, quando ela dizia justamente o contrário, ou seja - não mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas.

Essa palavra que falta institui um espaço heterogêneo dentro do qual a semiose acontece, seja pela intervenção de outros códigos, seja pela significância do silêncio. A falta que a palavra ‘não’ fez ao texto levou seu receptores a fazer uma leitura muito mais simples, citando as palavras de Chico Buarque: “foi tomada ao pé da letra”.

O objeto de nossa análise, sobrepõe-se outros efeitos desse silêncio: a interdição de enunciados que não admitem dos filiados a determinadas formações sociais, ideológicas e discursivas (e não se admitem antes pela visão de mundo que tais sujeitos podem carregar), vale a pena citar o conceito de Formação Discursiva, doravante FD, dada por Orlandi (2007:43) “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórico dada - determina o que pode e deve ser dito. Assim, o conceito de FD estabelece o que pode ou deve dizer numa dada conjuntura social e ideológica, em relação ao silêncio.” Por extensão, elas determinam o que pode ou deve ser silenciado.

A formação ideológica e o conhecimento de mundo de cada sujeito determinam os efeitos de sentidos de cada um.

Em entrevista cedida para a TV Cultura, Chico Buarque quando indagado sobre o pensamento das feministas da época, disse: “Elas não entenderam muito bem. Eu disse mirem-se no exemplo daquelas mulheres que vocês vão ver no que vai dar. A coisa é exatamente ao contrário.” Pode se dizer que nesse caso, as vozes que constituem o discurso não foram perceptíveis, isso já implica num tipo de silêncio, isto é, a ausência e seus apagamentos presentes no discurso tornam o seu entendimento mais sucinto.

Cabe citar novamente Fernandes 2004:171-172), “O olhar para o mundo que as formações sociais, ideológicas e discursivas estabelecem pela história das interações entre os sujeitos e os sentidos produzidos como decorrentes dessas interações, estabelecem, ao mesmo tempo, um ponto cego, alheio ao foco do olhar, e que se torna palco de uma nova história de sentidos produzidos pelas contradições e pelos conflitos do que não se sabe, do que não se vê.”

É válido ressaltar que “Mulheres de Atenas” foi composta por Chico Buarque de Hollanda e

Augusto Boal (histórico dramaturgo de esquerda brasileira) em 1976, para uma peça feminista de mesmo nome, ano em que o país ainda vivia em regime militar, Ditadura, período em que era preciso muito cuidado com o que era dito, para que não fosse alvo de represálias do governo ditatório. Uma das formas encontradas pelos militantes de esquerda - o não dizer, dito entre as entrelinhas - o que caracteriza-se como uma categoria de silêncio, será discutido com mais detalhes no desenvolvimento desta pesquisa.

Conclusão

Esta é apenas uma de muitas outras canções de Chico Buarque de Hollanda em que podemos analisar as formas de silêncio diante dos conceitos da AD francesa, pois esta foi umas das maneiras encontradas por ele para não se calar diante de um governo autoritário que censurava as muitas formas de expressão que lhe pudessem causar situações que fugissem do controle autoritário da Ditadura.

Sendo assim, o não dito que está na força do dizível, ou seja, o que está implícito, silenciado pelo autor na letra da música Mulheres de Atenas pode nos fazer ter outras leituras do momento histórico em que foi produzido; tendo-a assim como base para novas leituras de mundo, novas formas de resignificação sobre muitos outros textos/discursos.

O homem é um ser simbólico e por causa desta natureza busca sentido em tudo. Orlandi (1992: 31-32) estabelece o silêncio como objeto possível de análise da linguagem afirmando que o homem está condenado a significar. Com ou sem palavras tudo tem de fazer sentido.

Referências

- **Chico – À flor da pele.** Produzido por Pólo Industrial de Manaus. Manaus: 2005, DVD 96'
- FERNANDES, Cleudemar Alves & SANTOS, João Bosco Cabral. **Análise do Discurso: Unidade e Dispersão.** Uberlândia: EntreMeios, 2004
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos.** Campinas: Pontes, 2007
- VILLARTA-NEDER, Marco A.. **Os movimentos do silêncio: espelhos de Jorge Luis Borges.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras – Lingüística e Língua Portuguesa. Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2002. Mimeo